VERTENTES FEMINISTAS PARA UMA EDUCAÇÃO DE BASE EQUITATIVA E EMANCIPATÓRIA

JULIANA GIANNELLI MARTINS

RESUMO
Este artigo tem por objetivo trazer algumas vertentes feministas como forma de luta emancipatória e equitativa entre homens e mulheres, tendo em vista que, segundo dados da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo de 2023, 83% da Rede Municipal de Educação é formada por mulheres. Diante dessa realidade, é de suma importância entender as vertentes feministas para uma educação que vise as formas que o movimento feminista pode ser abordado. Cada lugar, cada "tribo", cada feminista tem em seu modo de lutar contra a opressão do patriarcado. Esse modus operandi tem sua peculiaridade e sua formação como base fortalecida dentro do movimento feminista na educação.
A diversidade das vertentes feministas oferece uma gama de perspectivas e abordagens que enriquecem o movimento como um todo. Entre essas vertentes, destacam-se o feminismo liberal, o feminismo radical, o feminismo marxista, o feminismo negro, o feminismo interseccional e o ecofeminismo, cada uma com suas particularidades e contribuições para a luta pela equidade de gênero.

Palavras-Chave: educação; feminismo; vertentes feministas.

Abstract
This article aims to present some feminist trends as a form of emancipatory and equitable struggle between men and women, considering that, according to data from the Municipal Department of Education of the City of São Paulo from 2023, 83% of the Municipal Education Network is made up of women. Given this reality, it is of utmost importance to understand the feminist trends for an education that aims at the ways in which the feminist movement can be approached. Each place, each "tribe", each feminist has its own way of fighting against the oppression of patriarchy. This modus operandi has its peculiarities and its formation as a strengthened base within the feminist movement in education.The diversity of feminist trends offers a range of perspectives and approaches that enrich the movement as a whole. Among these strands, the following stand out: liberal feminism, radical feminism, Marxist feminism, black feminism, intersectional feminism and ecofeminism, each with its own particularities and contributions to the fight for gender equality.
Keywords: education; feminism; feminist strands.

Introdução

O feminismo, ao longo das últimas décadas, tem desempenhado um papel crucial na reconfiguração das perspectivas e práticas educacionais. As vertentes feministas na educação emergem como movimentos diversificados que buscam questionar, desafiar e transformar estruturas patriarcais e desigualdades de gênero presentes nos ambientes educacionais. Essas vertentes englobam uma ampla gama de abordagens teóricas e práticas que vão desde a crítica das narrativas históricas e currículos tradicionais até a implementação de pedagogias que promovem a equidade de gênero e o empoderamento das mulheres.
A educação feminista não é monolítica; ela se divide em várias correntes que refletem diferentes contextos culturais, históricos e sociais. Entre elas, destacam-se o feminismo liberal, que advoga por igualdade de oportunidades e direitos dentro das estruturas existentes; o feminismo radical, que busca uma transformação mais profunda das relações de poder e das instituições sociais; e o feminismo interseccional, que analisa como múltiplas identidades e opressões – como raça, classe e sexualidade – se entrelaçam e influenciam as experiências educativas. Cada vertente traz contribuições únicas e importantes para a construção de uma educação mais inclusiva e justa, enfatizando a necessidade de reconhecimento e valorização das diversidades e das subjetividades de cada indivíduo.
Ao explorar essas vertentes, compreendemos que a luta feminista na educação não se limita apenas à inclusão de mulheres nos espaços acadêmicos, mas também à criação de um ambiente onde todas as pessoas possam aprender e ensinar de forma plena e iguali-

tária, livre de preconceitos e discriminações. Dessa forma, as vertentes feministas na educação nos convidam a repensar e reimaginar as práticas pedagógicas e as estruturas institucionais para que se tornem verdadeiramente emancipadoras e transformadoras.
Os feminismos são movimentos sociais, políticos e culturais que buscam a igualdade de gênero e os direitos das mulheres em várias esferas da sociedade. Embora muitas vezes se fale de "feminismo" no singular, é mais preciso usar o termo no plural para reconhecer a diversidade de pensamentos, abordagens e objetivos dentro do movimento feminista. Vamos explorar algumas das principais vertentes e marcos históricos do feminismo.

Desenvolvimento
Primeira Onda do Feminismo
A primeira onda do feminismo ocorreu entre o final do século XIX e o início do século XX, focando principalmente no sufrágio feminino, ou seja, o direito das mulheres ao voto. Essa fase foi marcada por movimentos como o das sufragistas, que lutaram intensamente pela inclusão das mulheres nos processos eleitorais. Este período histórico foi fundamental para o avanço dos direitos das mulheres e lançou as bases para as futuras gerações de ativistas feministas.
Contexto Histórico: A primeira onda do feminismo surgiu em um contexto de profundas mudanças sociais e econômicas. A Revolução Industrial havia transformado as economias e as sociedades ocidentais, levando a uma urbanização rápida e ao surgimento de novas classes sociais. As mulheres, que antes eram principalmente responsáveis pelas tarefas domésticas, começaram a trabalhar em fábricas e escritórios, embora em condições muitas vezes precárias e com salários significativamente menores que os dos homens. Essas mudanças geraram uma crescente conscientização sobre as desigualdades de gênero e estimularam o movimento sufragista.
Movimento Sufragista: O movimento sufragista foi caracterizado por uma série de campanhas, protestos e ações diretas visando garantir às mulheres o direito ao voto. As sufragistas utilizavam diversas estratégias para chamar a atenção para sua causa, desde petições e campanhas de conscientização até protestos públicos e atos de desobediência civil. Essas ações muitas vezes enfrentavam forte resistência e repressão, incluindo prisões e violência policial.
Personagens Notáveis: Várias líderes surgiram como figuras centrais na luta pelo sufrágio feminino. Susan B. Anthony, uma das líderes mais proeminentes do movimento sufragista nos Estados Unidos, dedicou sua vida à luta pelos direitos das mulheres. Ela co-fundou a National Woman Suffrage Association (NWSA) junto com Elizabeth Cady Stanton e trabalhou incansavelmente para promover emendas constitucionais que garantissem o direito ao voto para as mulheres.
No Reino Unido, Emmeline Pankhurst foi uma figura central do movimento sufragista britânico. Ela fundou a Women's Social and Political Union (WSPU), uma organização conhecida por suas táticas militantes e ações diretas, como quebras de vitrines e greves de fome, para atrair atenção para a causa. Pankhurst e suas filhas, Christabel e Sylvia, enfrentaram inúmeras prisões e perseguições, mas continuaram a lutar pelo direito ao voto até sua concessão parcial em 1918 e total em 1928.
Conquistas e Impacto: A primeira onda do feminismo teve várias vitórias significativas. Nos Estados Unidos, a 19ª Emenda à Constituição foi ratificada em 1920, garantindo às mulheres o direito ao voto. No Reino Unido, a Representation of the People Act de 1918 concedeu o direito ao voto a mulheres com mais de 30 anos que atendiam a certos critérios de propriedade, e em 1928, o sufrágio foi estendido a todas as mulheres com mais de 21 anos, independentemente de propriedade.
Legado e Continuidade: As conquistas da primeira onda do feminismo foram um marco importante na luta pelos direitos das mulheres, mas também revelaram limitações significativas. A maioria das vitórias se concentrou em mulheres brancas de classe média, enquanto mulheres de outras raças e classes sociais continuaram a enfrentar barreiras significativas. Essas limitações levaram à necessidade de uma segunda onda do feminismo, que emergiu na década de 1960, focando em questões mais amplas de igualdade de gênero, incluindo direitos reprodutivos, igualdade salarial e combate à violência contra as mulheres.
A primeira onda do feminismo foi um período crucial que estabeleceu as bases para a luta

contínua pela igualdade de gênero. As ações e conquistas das sufragistas abriram caminho para futuras gerações de ativistas feministas, inspirando a continuidade da luta por direitos e justiça social. Ao estudar este período, é possível compreender melhor a evolução do movimento feminista e a importância de continuar trabalhando para alcançar a verdadeira igualdade de gênero em todas as esferas da sociedade.

Segunda Onda do Feminismo
A segunda onda do feminismo surgiu nas décadas de 1960 e 1970, ampliando a agenda feminista para incluir uma gama mais ampla de questões, como direitos reprodutivos, igualdade no trabalho, educação e a luta contra a violência doméstica e sexual. Essa fase do movimento feminista foi caracterizada por uma abordagem mais inclusiva e abrangente, abordando não apenas os direitos legais, mas também as normas culturais e estruturais que perpetuavam a desigualdade de gênero.
Contexto Histórico: A segunda onda do feminismo emergiu em um período de intensas mudanças sociais e políticas. Os movimentos pelos direitos civis, pela paz e pelos direitos dos homossexuais estavam ganhando força, desafiando as estruturas de poder existentes e inspirando outros movimentos de justiça social. As mulheres, que haviam participado ativamente nesses movimentos, começaram a perceber que suas próprias questões específicas de gênero não estavam sendo adequadamente abordadas, levando ao surgimento de um movimento feminista renovado e mais radical.
Direitos Reprodutivos: Uma das principais preocupações da segunda onda do feminismo foi o direito das mulheres de controlar seus próprios corpos. Isso incluía o acesso a métodos contraceptivos seguros e legais, o direito ao aborto e a educação sexual abrangente. A luta pela legalização do aborto foi um ponto central, resultando em importantes vitórias legais, como o caso Roe v. Wade nos Estados Unidos, que legalizou o aborto em 1973. Essa questão continua sendo um tema crucial nos debates feministas até hoje.
Igualdade no Trabalho: As feministas da segunda onda também se concentraram na discriminação de gênero no local de trabalho. Elas lutaram por igualdade salarial, melhores condições de trabalho, licença maternidade e a eliminação do assédio sexual no ambiente de trabalho. A Equal Pay Act de 1963 e o Civil Rights Act de 1964 nos Estados Unidos foram marcos legais importantes que abordaram algumas dessas questões, embora a implementação e a verdadeira igualdade ainda estivessem longe de ser alcançadas.
Educação: A desigualdade de gênero na educação também foi um foco importante. As feministas trabalharam para garantir que as mulheres tivessem igual acesso à educação em todos os níveis, desde o ensino fundamental até a universidade. Elas também questionaram e desafiaram os currículos e materiais didáticos que perpetuavam estereótipos de gênero e marginalizavam as contribuições das mulheres à história e à cultura.
Luta Contra a Violência Doméstica e Sexual: A segunda onda do feminismo trouxe à tona a prevalência da violência doméstica e sexual contra as mulheres. As feministas criaram abrigos para vítimas de violência doméstica, linhas de apoio e centros de crise para estupro, oferecendo suporte e recursos para as mulheres que enfrentavam essas formas de violência. Elas também pressionaram por mudanças legais para melhor proteger as vítimas e punir os agressores.
Influências Intelectuais: Autoras como Simone de Beauvoir e Betty Friedan foram extremamente influentes durante a segunda onda. Simone de Beauvoir, em sua obra seminal "O Segundo Sexo" (1949), argumentou que a mulher tem sido historicamente definida como "o outro" em relação ao homem, uma construção social que limita as possibilidades das mulheres. Ela afirmou que "não se nasce mulher, torna-se mulher", destacando a natureza construída da feminilidade e inspirando muitas feministas a questionar as normas de gênero.
Betty Friedan, em "A Mística Feminina" (1963), explorou a insatisfação das mulheres suburbanas americanas que, apesar de terem "tudo", se sentiam infelizes e realizadas apenas no papel de esposas e mães. Friedan argumentou que essas mulheres estavam sofrendo de uma "mística feminina" que limitava suas vidas a funções domésticas e impedia seu crescimento pessoal e profissional. Seu livro foi um chamado às armas para muitas mulheres, incentivando-as a buscar realização

além das esferas tradicionais do lar.
Redefinição do Papel das Mulheres: A segunda onda do feminismo não apenas lutou por mudanças legais e políticas, mas também desafiou profundamente as normas culturais e estruturais que sustentavam a opressão das mulheres. As feministas questionaram as expectativas de gênero, os papéis tradicionais de gênero e a representação das mulheres na mídia e na cultura popular. Elas promoveram a ideia de que as mulheres deveriam ter a liberdade de escolher seus próprios caminhos, seja no trabalho, na família ou em outras esferas da vida.
Legado e Continuidade: O impacto da segunda onda do feminismo foi profundo e duradouro. As mudanças legais e culturais promovidas durante esse período abriram caminho para maior igualdade de gênero e inspiraram as futuras gerações de feministas. No entanto, as feministas também reconheceram as limitações da segunda onda, especialmente em termos de inclusão e interseccionalidade, o que levou ao surgimento da terceira onda do feminismo nos anos 1990, focada em uma abordagem mais inclusiva e diversa.
Em resumo, a segunda onda do feminismo ampliou significativamente a agenda feminista, abordando uma ampla gama de questões que afetavam a vida das mulheres. Com suas vitórias e desafios, essa fase do movimento feminista foi crucial para redefinir o papel das mulheres na sociedade e promover uma maior igualdade de gênero, cujos efeitos continuam a ser sentidos e desenvolvidos até os dias de hoje.

Terceira Onda do Feminismo
Nos anos 1990, a terceira onda do feminismo começou a emergir, caracterizada por uma maior diversidade e inclusão. Essa onda abordou questões de identidade de gênero, sexualidade e interseccionalidade — um conceito desenvolvido por Kimberlé Crenshaw, que reconhece como diferentes formas de discriminação (como racismo, sexismo e classismo) interagem e se sobrepõem. Essa fase também foi marcada pela crítica às noções universais de mulher e feminilidade, reconhecendo a diversidade das experiências femininas.

Quarta Onda do Feminismo
A quarta onda é frequentemente associada ao surgimento da tecnologia digital e das mídias sociais como ferramentas para o ativismo. Começando por volta de 2012, essa fase se concentra em combater a violência sexual, o assédio online, e promove o empoderamento através da hashtag activism, como exemplificado pelos movimentos #MeToo e #NiUnaMenos. Essa onda também continua a enfatizar a interseccionalidade e a inclusão de vozes marginalizadas.

Vertentes do Feminismo
Além das ondas históricas, existem várias vertentes dentro do feminismo que abordam diferentes aspectos das desigualdades de gênero:
Feminismo Liberal: Foca na igualdade legal e política entre homens e mulheres, buscando reformas legislativas e políticas.
Feminismo Radical: Acredita que a opressão das mulheres é fundamental e sistemática, e que mudanças profundas na estrutura da sociedade são necessárias.
Feminismo Marxista: Analisa a opressão das mulheres através das lentes do capitalismo e da luta de classes, argumentando que a emancipação das mulheres está ligada à transformação econômica.
Feminismo Negro: Aborda as especificidades da opressão enfrentada por mulheres negras, destacando a intersecção entre racismo e sexismo.
Feminismo Interseccional: Reconhece que as opressões são multifacetadas e que diferentes identidades (como raça, classe, sexualidade) se sobrepõem.

Qual é a sua vertente? Os feminismos

Com o passar das ondas feministas e o avanço do mundo, movendo-se por diversas nuances econômicas, sociais e políticas, dentro do movimento feminista, surgem várias vertentes, cada uma com sua própria linha de pensamento, considerando todo estereótipo feito ao movimento, na maior parte por homens machistas, misóginos e narcisistas.
E, para exemplificar as diferentes concepções, tem-se os feminismos que seguem abaixo.

Iluminista
Pode-se dizer que um dos primeiros feminismos é o feminismo iluminista como movimen-

to intelectual. As mulheres que participavam desse movimento eram brancas e burguesas, pois tinham acesso à leitura e educação de forma geral. Para Rousseau, as mulheres eram menos racionais e mais fracas, fazendo-as dependentes dos homens. Já Diderot e Jeremy Bentham reconheciam que as capacidades intelectuais das mulheres eram iguais e apoiavam sua luta por igualdade de gênero. (FEMINISMO..., 2019).
O iluminismo promoveu princípios de igualdade coletiva e individual; sendo assim, as primeiras feministas (que não recebiam essa denominação) usavam desse pensamento para exigir direitos iguais aos dos homens.

Feminismo marxista
No livro O Manifesto Comunista, os teóricos Karl Marx e Friedrich Engels colocam que as mulheres são afetadas pelo capitalismo, que trata as cidadãs como submissas, de classe inferior. O feminismo marxista acredita que a opressão das mulheres é principal ou exclusivamente um efeito desse capitalismo. Numa sociedade capitalista dominada pelos homens, o trabalho "improdutivo" das mulheres estava na base da pirâmide social, que no topo dela tem os proprietários dos meios de produção e no meio o trabalho produtivo e remunerado.

O burguês vê sua mulher como mero instrumento de produção. Ele ouve dizer que os instrumentos de produção devem ser explorados de forma comum e conclui, naturalmente, que haverá comunidade de mulheres. Ele não imagina que, nesse caso, trata-se precisamente de abolir o papel da mulher como simples instrumento de produção. A propósito, nada mais ridículo que a indignação moralizante de nossos burgueses sobre a pretensa comunidade oficial de mulheres que os comunistas adotariam. Os comunistas não precisam introduzir a comunidade das mulheres, ela quase sempre existiu. (MARX; ENGELS, 2008, p. 40)

Paul Frolich (2019, p. 76) escreve que "[...] para Rosa Luxemburgo o irreversível avanço da luta da classe proletária leva as mulheres trabalhadoras para dentro do turbilhão da vida política". Uma nova ideia de mulher surge a partir de movimentos revolucionários na Rússia dos anos 1900, o que levou ao desenvolvimento do feminismo marxista. Alexandra Kollontai, revolucionária comunista, colocou a emancipação feminina e a igualdade de gênero na pauta central da agenda socialista internacional.

Feminismo radical
Conhecido como feminismo radical, foi fundado por Shulamith Firestone e Ellen Willis, em 1969, o Redstockings ou "meias vermelhas", em referência à simpatia do feminismo com a extrema-esquerda. O objetivo dessa vertente feminista era acabar com a opressão sobre as mulheres, conquistando soberania sobre o próprio corpo e colocando em prática a mudança social radical.
Em 1969, houve um protesto desse grupo em uma audiência no estado de Nova Iorque sobre a reforma do aborto. De 15 representantes, a única mulher era uma freira. O grupo defendeu que as mulheres tivessem o direito de testemunhar sobre o assunto. Cerca de um mês depois, ativistas do Redstockings organizaram um ato na Igreja Metodista da Washington Square, também em Nova Iorque. Na ocasião, 12 mulheres relataram suas experiências em relação ao aborto ilegal, a dor extrema, o medo, o perigo e os custos. Essa luta rendeu frutos e, em 1973, a Suprema Corte dos EUA decidiu a favor do direito ao aborto até o terceiro trimestre de gravidez. Já em 2017, em um retrocesso no governo, Donald Trump assina uma ordem executiva que proíbe que as organizações de saúde, aprovadas pelo estado, ofereçam cobertura para o aborto. Conforme Shulamith Firestone (1970, p. 121), "[...] a menos que uma revolução destrua a raiz da organização social básica... o parasita da exploração nunca será aniquilado". Dentro das pautas feministas radicais estão: fim da indústria pornográfica, maternidade compulsória, violência obstétrica, violência masculina, descriminalização do aborto, etc.

Feminismo radical transexcludente
Desde os anos 1970 nos EUA, houve um subgrupo bem atuante de feministas que acreditavam que suas vidas e experiências de opressão são diferentes das que viveram as mulheres trans, pois elas foram designadas "mulheres" ao nascer e sempre se identificaram assim. Essas mulheres foram denominadas TERFS, sigla em inglês para "Feministas Radicais Transexcludentes". As críticas para

esse movimento são, ao mesmo tempo, amplas e violentas, pois, em 1973, na Califórnia, a coorganizadora da Conferência Lésbica da Costa Oeste, Beth Elliot, foi embora depois de ser atacada pelo grupo separatista lésbico "The Guter Dykes" por ser trans. Já, em 2008, a escritora e blogueira Viv Smythe, uma mulher cisgênero, cunha a expressão "feminismo radical transexcludente", para diferenciar a comunidade feminista radical transinclusiva à qual pertence. As feministas transinclusivas questionam se um feminismo que autoriza a exclusão de um grupo que está às margens pode ser chamado de feminismo. Segundo Raymond (1979, p. 120), "Todos os transexuais estupram os corpos das mulheres ao reduzir a forma feminina real a um artefato, apropriando-se desse corpo para si mesmas".

Ecofeminismo

Em 1974, a feminista francesa Françoise d'Eaubonne cunhou o termo "ecofeminismo" para uma nova vertente do feminismo que se fixou na ecologia, no estudo da integração entre os organismos e o seu meio ambiente. Essa vertente acredita que a dominação, a degradação do meio ambiente e a exploração e opressão contra as mulheres têm conexões significativas.

Ecofeministas, como Vandana Shiva, assumem uma posição politicamente mais radical. Shiva (1993, p. 25) diz que "[...] ciência e tecnologia não são um gênero neutro". Pode-se dizer que Vandana Shiva é a figura-chave dessa vertente. Nascida em 1952, Vandana estudou física na Índia e depois filosofia da ciência no Canadá. O movimento ganhou força em 2004, quando Wangari Maathai se tornou a primeira mulher africana a receber o prêmio Nobel da Paz por sua contribuição ao desenvolvimento sustentável. E, em 2016, a Conferência Ecofeminista da Costa Oeste, na Califórnia, abordou a degradação das mulheres, os direitos dos animais e o meio ambiente em um mundo patriarcal violento. Vandana Shiva (1993, p. 30) disse: "Vemos a devastação da Terra... por guerreiros corporativos como uma preocupação feminista.".

Mulherismo

A citação fundamental para representar a vertente do mulherismo africana é Alice Walker, nascida em 1944, em Eatonton na Georgia, EUA, filha de um casal de meeiros afro americanos. Quando ficou cega de um olho em um acidente, sua mãe lhe deu uma máquina de escrever e permitiu que ela escrevesse, em vez de fazer as tarefas de casa. Formou-se em 1965 e se mudou para o Mississipi, onde acabou se envolvendo com o Movimento pelos Direitos Civis. Sua obra mais famosa, intitulada A Cor Púrpura, ganhou o Prêmio Pulitzer e uma adaptação para o cinema, dirigida por Steven Spielberg, em 1985.

Essa vertente, segundo Walker (2016), coloca que, independentemente de raça, classe ou gênero, as pessoas produzem de forma igual. O mulherismo busca renunciar as divisões de classe, promover a igualde de gênero, a liberdade sexual e a rejeição do racismo. Mas o que significa o termo "mulherismo?". Segundo Walker (2016, p. 40), "[...] mulherismo é o amor para com todas as mulheres". Esse amor pode ou não ser sexual. Ela enfatiza que um vínculo entre mulheres exalta sua vida emocional e sua força. Alice vai além e declara que mulherismo é tanto para mulheres heterossexuais que têm um parceiro homem quanto para mulheres lésbicas e mulheres que amam homens como amigos. Essa ideia de Alice Walker desafiou as feministas radicais e lésbicas que insistiam que a luta coletiva contra o patriarcado tinha que excluir os homens. Hoje em dia, o mulherismo ainda é debatido, mas é usado como um conceito histórico.

Feminismo indígena

Mulheres indígenas sofrem desigualdades por razões relacionadas tanto ao gênero quanto à etnia. Elas enfrentam uma dupla opressão e, como forma de combate, elas aumentam sua participação na luta étnica, acrescentando questões femininas ao debate, e assim, com essa estratégia, a autonomia feminina e a autonomia étnica se conectam.

O feminismo indígena se concentra nas mulheres cuja origem racial é de um dos povos originários dos países que foram ocupados por colonos europeus. É um movimento ativo nos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Brasil e Nova Zelândia. Mas também, em lugares como Chiapas, no México, onde o Movimento Revolucionário Zapatista protesta contra a opressão do povo indígena pelo Estado. Essa vertente escreve sobre o impacto da colonização, invasão de europeus, sobre o extrativis-

mo, supremacia branca, genocídio, violência sexual, nacionalismo anti-indígena e patriarcado europeu, que foi introduzido nas terras colonizadas.
As feministas observam que a colonização teve um profundo impacto nas estruturas familiares nativas e na capacidade das mulheres de parir e criar os filhos e filhas em um ambiente apropriado a sua origem racial.

Feminismo universal
Em 2000, bell hooks, um ícone feminista norte-americano, publicou o livro O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras, em que defende que o feminismo é bom para as mulheres e para os homens. Já em 2004, nos EUA, Jessica Valenti criou o site "feministing.com", desenvolvido por e para jovens feministas. Em 2016, a revista "Billboard" descreveu o álbum Lemonade, de Beyoncé, como um trabalho revolucionário de feminismo negro. E, em 2017, foi publicado, nos EUA, Histórias de ninar para garotas rebeldes, com histórias que desafiam os estereótipos de gênero. Porém a citação fundamental do feminismo universal é Chimamanda Ngozi Adichie que, em seus livros Para educar crianças feministas: um manifesto e Sejamos todos feministas, coloca que devemos criar filhos e filhas de forma diferente para que a próxima geração tenha ideias mais igualitárias sobre gênero. Em seu livro Para educar crianças feministas: um manifesto, ela argumenta com quinze ideias sobre como criar uma filha de maneira neutra em relação à cultura de gênero que está arraigada na Nigéria e na sua própria cultura.
No final da primeira década do século XXI, houve uma enorme agitação no discurso feminista por toda a internet, em especial na esfera feminista. Muitas mulheres ainda tinham a ideia de um "pós-feminismo" de que a batalha contra o patriarcado já tinha findado e as mulheres podiam escolher os seus caminhos. Algumas argumentavam que o feminismo era muito hostil aos homens e não tinha significado mais. Outras, por sua vez, denunciavam o egoísmo das feministas em relação a mulheres que ainda sofriam pressões patriarcais, bem como seus radicalismos. Essa vertente chega para acabar com isso e mostrar que a luta ainda continua e a batalha é árdua e deve trazer para o debate homens e mulheres, todos, todas e todes; só assim se fortalecerá o feminismo e se combaterá o sexismo para, enfim, chegarmos à igualdade de gênero.

Considerações finais
As definições de patriarcado, machismo, feminismo, femismo, vão além do que está escrito, é "escurecedor" quando nos damos conta do itinerário que essas definições caminharam e a ferida profunda que causam para todos, todas e todes. Devemos sempre pensar o quanto o movimento feminista foi e é importante para a construção de uma sociedade mais igualitária em relação ao gênero e suas nuances.
Pode-se observar que as trajetórias feministas transitam por movimentos políticos dominados pelo patriarcado estrutural e sexista de uma sociedade não só americana. Em todo o mundo a opressão das mulheres foi e ainda é marcada pela violência doméstica, moral, física, de bens e afins. Ao longo do percurso que o feminismo tomou vê-se como as mulheres têm que lutar e lutar. Até quando? Apenas resistir e resistir.
As vertentes feministas se destacam em seus pontos fortes e fracos, o importante é que não nos encaixemos em uma única "caixa", e sim num todo feminista, com suas diversas pautas e formas de lidar com todos os assuntos que cercam e cerceiam esse movimento social e extremamente importante, lutando cada dia contra o patriarcalismo, sexismo, misoginia, machismo e todas as formas de opressão, sejam elas políticas, sociais, capitalistas, etc...
Os feminismos contemporâneos enfrentam desafios complexos, como a luta pela igualdade de gênero no contexto de crescente autoritarismo, crises econômicas e mudanças climáticas. A globalização trouxe novas questões para o movimento feminista, como o tráfico de mulheres e a exploração laboral. Além disso, o movimento continua a lutar pela representação igualitária nas esferas políticas, econômicas e culturais.
Em resumo, os feminismos são movimentos dinâmicos e multifacetados que evoluem para responder às necessidades e desafios das mulheres em diferentes contextos históricos e culturais. A luta pela igualdade de gênero é contínua e requer a participação de todas as esferas da sociedade para construir um mundo mais justo e igualitário.

Referências

AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020.

MARX, K.; ENGELS, F. O manifesto comunista. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MELO, H. P. de; MARQUES, T. C. de N. Partido Republicano Feminino. Partido: Registros de Sociedades Civis, 1º Ofício de Títulos e Documentos, 18/8/1911. Arquivo Nacional, Fundo FBPF. Diário Oficial, Rio de Janeiro, 17 dez. 1910. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/PARTIDO%20REPUBLICANO%20FEMININO.pdf. Acesso em: 20 mar. 2021.

RAYMOND, J. The Transsexual Empire. Boston: Beacon Press, 1979.

SHIVA, V. Reductionism and Regeneration: A Crisis in Science. In: SHIVA, V.; MIES, M. Ecofeminism. London: Zed Books, 1993. p. 22-35.

WALKER, A. A cor Púrpura. Tradução de Betúlia Machado, Maria José Silveira, Peg Bodelson. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.